



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Pontes Ramos, Fernando Augusto; Magalhães Colino, Celina Maria
Criação e Manutenção de Brinquedotecas: Reflexões Acerca do Desenvolvimento de Parcerias
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815124>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Criação e Manutenção de Brinquedotecas: Reflexões Acerca do Desenvolvimento de Parcerias

Celina Maria Colino Magalhães¹

Fernando Augusto Ramos Pontes

Universidade Federal do Pará

Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão acerca da prática de instalar e manter brinquedotecas. O texto refere-se à experiência de nossa equipe, no período de 1997 a 1999, na prestação de assessoria entre a Universidade Federal do Pará e escolas públicas com o objetivo de criar e manter funcionando brinquedotecas. Este relato também aborda os fatores instrumentais e a continuidade destes programas.

Palavras-chave: Brinquedoteca; estruturação do espaço; formação de professores.

The Creation and Maintenance of Toy Libraries: Some Reflections on Developing Joint Partnerships

Abstract

The purpose of this report is to present a critical appraisal of the practice involved in the installation and maintenance of toy libraries. This report sums up our team's experience from 1997 to 1999, as consultants from the Universidade Federal do Pará, in joint-venture programs, assisting various schools in setting up and managing such libraries. The text also addresses the instrumental factors and the continuity of these programs.

Keywords: Toy libraries; spatial structuring; teachers' training.

Em nome da educação formal, nossa sociedade tem monopolizado, cada vez mais cedo, as crianças para atividades dirigidas; sempre vigiadas e guiadas por objetivos que visam a atingir os resultados determinados pelos adultos. Resgatar o espaço, meio e o tempo para as crianças brincarem espontaneamente é, sem dúvida, um dos nossos maiores compromissos e desafios atuais.

Entretanto, na operacionalização desse resgate deve-se considerar que os espaços livres, os quais antes as crianças usavam para brincar, estão sendo ocupados por fábricas, edifícios, postos de gasolina, carros, etc. Antes, a rua era o principal lugar de encontros sociais, tanto da população adulta, como da infantil. Na rua, a criança pobre ou rica tinha seu universo e o utilizava à vontade (Caiuby,

espaço físico e ao tempo, por exemplo, alteração nas rotinas das pessoas fossem as mais naturais. Não havia lugar para a figura do adulto. Todas as pessoas se conheciam e deixaram de ser um lugar de encontro coletivo para se tornarem um espaço desconhecidos, de cujo perigo as famílias e ruas.” (p. 130)

Vários fatores contribuíram para isso, por exemplo, alteração nas rotinas da jornada de trabalho e mudanças urbanísticas (Camaione, 1980).

Deve-se considerar também a influência da psicologia e a pedagogia foram consideradas “adultocêntricas” e futuristas em

mundo, diminuem as possibilidades de a criança fazer suas descobertas à sua própria maneira, desenvolver relações e construir sua afetividade por meio do brincar. Sabe-se entretanto que o brincar até a velhice é uma das características que define e distingue a espécie humana das outras espécies sendo então, bem provável que ela tenha uma função na constituição do ser humano (Burghardt, 1998; Smith, 1982; Smith, Cowie & Blades, 1998).

Objetivando o resgate do brincar espontâneo como elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança, de sua criatividade, aprendizagem e socialização é que surgem as brinquedotecas (ludotecas). Apesar da sua difusão, poucos estudos são encontrados na literatura relatando os aspectos essenciais para criação e manutenção de uma brinquedoteca. Na grande maioria dos casos todas as brinquedotecas criadas e mantidas, nascem da atividade espontânea de seus criadores, e pouco de sistemático existe escrito sobre tais experiências.

No decorrer de três anos de trabalho, prestando assessoria à instituições escolares, o grupo de pesquisa composto por dois professores da Universidade Federal do Pará e seus orientandos e bolsistas, acumularam experiência neste tipo de ação. Este trabalho procura fazer uma reflexão sobre aspectos referentes as experiências deste período. Não se pretende exaurir todas as questões possíveis de serem discutidas sobre este tema: discorrer-se-á somente sobre aquelas mais relevantes.

Na verdade, o contato deste grupo com a instituição brinquedoteca foi um tanto casual. Seus interesses principais sempre se situaram na pesquisa básica, com o objetivo de investigar: a) aspectos da relação criança-criança; b) utilização do espaço; e, c) brinquedos e brincadeiras preferidos. Foi na procura de um espaço apropriado para investigação destes temas que se deparou com a brinquedoteca, um espaço que se apresenta bastante adequado para atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão.

Ao iniciar-se esta linha de pesquisa, o primeiro passo

em espaços como creches e escolas. Em não só, também detectamos preferência por espaços abertos. Cabe ressaltar que as brinquedotecas presentes na cidade de Belém, não faziam parte do conhecimento das autoras.

Apreciando-se a forma de organização das brinquedotecas levantadas, verificou-se que todas funcionavam de forma improvisada, ou seja, careciam de planejamento, cadastramento do acervo, horários de funcionamento, atendimento; fisicamente algumas apresentavam espaço físico pequeno, com pouca iluminação, cadeiras e mesas visuais, distribuição aleatória dos brinquedos, falta de inadequação dos tamanhos das prateleiras, falta de uma equipe responsável pelo espaço, geralmente falta de uma carência de fundamentação teórica.

Foi através desses contatos que se reafirmou a necessidade para o desenvolvimento de parcerias com instituições de brinquedotecas. No decorrer de três anos de trabalho foram desenvolvidas, a reflexão a seguir é baseada na seleção de três experiências desenvolvidas em contextos diferentes, o que possibilitou, não obstante a diversidade de cada caso, um acúmulo de conhecimento sobre o processo de instalação e manutenção de uma brinquedoteca. Os comentários, a seguir, salientam os pontos mais vivenciados.

Brinquedotecas e Brinquedotecas: Contextos e as Experiências

Apesar de sua origem estar ligada ao movimento da pedagogia pois as primeiras brinquedotecas surgiram para empréstimo de brinquedos, seus espaços foram sendo redimensionados em conformidade com a necessidade de cada contexto e demonstrando a sua situação.

Sabe-se que, apesar das brinquedotecas terem como objetivo o desenvolvimento de atividades lúdicas, como o empréstimo de brinquedos e materiais, (Kishimoto, 1993), seus objetivos devem

semelhante, os objetivos propostos não podiam ser aplicados irrestritamente a todas, por causa de inúmeras particularidades. Seguem abaixo as especificidades de cada caso:

Brinquedoteca para Crianças com Deficiência Auditiva

Situada em uma escola mantida por uma instituição que prestava serviço assistencial de caráter religioso para crianças e adolescentes (0 a 16 anos) com vários níveis de deficiências auditivas. O nível sócio-econômico das crianças era diversificado, havendo um predomínio de crianças oriundas de famílias com baixo poder aquisitivo.

A partir de uma caracterização da proposta pedagógica da escola, percebeu-se que grande parte das atividades escolares prestadas às crianças, não se desenvolviam necessariamente dentro de um contexto lúdico, podendo-se dizer que as atividades lúdicas reduziam-se ao momento do recreio e de educação física. Havia portanto, na instituição, uma carência de atividades lúdicas, tanto pedagogicamente orientadas como não.

Assim, considerando os objetivos e peculiaridades da instituição, elegeram-se as seguintes finalidades para esta brinquedoteca: oferecer uma alternativa lúdica-cultural às crianças de zero a oito anos; montar um acervo de brinquedos para as brincadeiras no espaço da brinquedoteca; facilitar a aprendizagem das crianças portadoras de deficiência auditiva por meio de brinquedos e de atividades lúdico-diretivas; criar um espaço de interação entre as crianças; servir como agente divulgador de campanhas de esclarecimento e conscientização sobre as deficiências, em especial a auditiva, e oferecer informações e assessoria aos pais, professores e profissionais acerca do brincar.

Brinquedoteca para uma Pré-escola da Rede Pública Municipal

A Escola municipal estava localizada em uma das ilhas circunvizinhas à cidade de Belém. Tinha como objetivo assistir crianças de faixas etárias entre três a 14 anos de idade,

vazia, sendo utilizado para outros fins, por exemplo: ensaios de danças, de coreografias teatrais.

Em função da característica da população atendida, tomou-se como critério para a escolha de uma brinquedoteca com os seguintes objetivos: orientar a escolha de brinquedos para uma variedade de brinquedos; proporcionar uma imagem menos aversiva ao brincar; fornecer aos educadores a possibilidade de lidar ludicamente com os seus alunos; proporcionar para a investigação do brincar; proporcionar interações infantis; contribuir com a aprendizagem de jogos educativos na brinquedoteca; valorizar os brinquedos populares da localidade e favorecer a importância do brincar no desenvolvimento da criança.

Brinquedoteca em uma Pré-escola da Rede Pública Municipal

A mais recente experiência de criação de uma brinquedoteca do grupo está relacionada à formação religiosa que implementa a filosofia cristã. Apesar de a escola ser de caráter escolar e de primeiro e segundo grau, por ser institucional, a brinquedoteca foi criada para atender às crianças de três à seis anos, matriculadas na escola. As crianças pertencem, em sua maioria, a famílias com bastante acesso a brinquedos e com conhecimento em domínio de brincadeiras tradicionais.

Os objetivos estabelecidos para a brinquedoteca foram: proporcionar às crianças pré-escolares brinquedos e materiais utilizados em atividades pedagógicas; proporcionar costumes culturais e de brincadeiras; proporcionar o relacionamento entre as crianças; proporcionar oficinas de construção e recreação; proporcionar informações aos pais sobre a importância na escolha dos brinquedos; proporcionar a utilização do brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, social e emocional.

de se poder dizer que, no geral, estes objetivos são muito semelhantes aos propostos neste trabalho, em cada contexto, instituição e características da demanda, alguns aspectos se salientam mais do que outros.

Na primeira experiência priorizou-se o treino de habilidades. Colaboraram para isso dois fatores: primeiro a existência de pessoal capacitado, possibilitando assim o acompanhamento quase que individualizado de alguns sujeitos e, em segundo, a avaliação da clientela. Na segunda experiência, deu-se preferência inicialmente o acesso das crianças a uma variedade de brinquedos enquanto que, na experiência atual este fato não é tão essencial; pretendeu-se, principalmente, resgatar os brinquedos e as brincadeiras populares.

Para fins de pesquisa básica, cada instituição proporcionou também experiências diferentes. Em um caso, testaram-se brinquedos mais adequados para crianças com deficiências auditivas e, em outro, experimentamos várias formas organizativas e modificação de arranjos espaciais. Mais recentemente investiga-se o engajamento das crianças em várias atividades dirigidas. Em todos os casos tem-se estudado redes de relações sociais entre as crianças, área de pesquisa para a qual a brinquedoteca mostra-se extremamente adequada.

A Preparação da Brinquedoteca: Uma Construção Conjunta

Para fins didáticos, pode-se dividir o momento de preparação da brinquedoteca em preparação da equipe e do espaço. Só uma equipe bem estruturada e afinada em seus objetivos garantirá a preparação de um espaço coerente.

A compreensão desta questão implicou alguns custos e perdas. Inicialmente não se percebia, claramente que, a preparação e construção da equipe são tão importantes quanto é o planejamento, organização e estruturação do espaço. As duas experiências iniciais centraram-se na preparação do espaço considerando todos os detalhes

Como ficou evidente a partir das experiências, não se negligenciar a formação da equipe, pois, como: baixo envolvimento motivacional dos integrantes da equipe, pouca clareza e/ou falta de objetivos da brinquedoteca, aparecimento de atitudes desintegradas, etc.

Por todos estes motivos, tornou-se evidente que a estruturação da brinquedoteca não deve ser feita sem assessores, dos que oferecem o serviço, e a equipe do projeto construído em conjunto, com a participação da direção e dos professores desde o momento de sua implantação, incluir as sugestões e críticas que utilizam (no tópico específico tratar-se-á de cada um dos detalhes estes dois últimos aspectos).

Preparação da Equipe

Como salientado anteriormente a preparação da equipe de um grupo tem indicado que a preparação da brinquedoteca a qualquer planejamento do espaço da brinquedoteca discute-se a síntese de alguns aspectos os quais considera relevante.

Atualmente parte-se da assertiva de que a formação de equipe deve primar por conseguir que os membros executá-las, ponderando as diferenças que existem entre seus membros. Para tanto, é necessário que as pessoas que estão se propondo ou que já estão para fazerem parte dessa equipe. Cabe lembrar que o termo *conhecer* será utilizado de forma ampla, como designador de habilidades mais do que de conhecimentos participantes. Esse conhecer pode ser desenvolvido através do oferecimento de cursos.

Friedmann e colaboradores (1980) descrevem procedimentos semelhantes. Entretanto, quando os cursos pouco é comentado sobre as diferenças que são abordados. No caso aqui discutido, o viés de desenvolvimento dirigiu a opção por uma abordagem que iniciassem a partir de questões polêmicas: quem é criança? Quais são as suas motivações?

Para o curso não se caracterizar como exclusivamente teórico, introduzimos em vários momentos o uso de dinâmicas. Tais dinâmicas têm se mostrado extremamente produtivas, facilitando em grande parte a participação e trânsito de idéias do grupo, além de tornar, segundo relatos dos participantes, “extremamente estimulante” para o envolvimento no projeto.

Uma dinâmica que foi particularmente útil para discutir a noção de equipe e como ela deve funcionar é a chamada *Dinâmica do Boneco*. Consiste esta dinâmica no seguinte: aleatoriamente e em segredo pede-se para cada dupla (depende neste caso da quantidade de componentes do grupo) desenhar uma parte do corpo, e estas deverão ser distribuídas entre os participantes de modo a completar um corpo. Em seguida pede-se para eles montarem o desenho que fizeram. Como não houve um planejamento inicial e nem discussão sobre o que seria feito em conjunto, as partes do corpo apresentam tamanhos e estilos diferentes, o que no final produz um ser de aparência monstruosa. Discute-se, a partir desse resultado, a necessidade de se trabalhar em equipe e de se ter um projeto em comum, para que ele seja harmônico.

A escolha da pessoa que ficará responsável mais diretamente pela condução do espaço (brinquedotecário) e que fará a ponte entre o espaço e os demais professores (quando se considera o contexto escolar), pode gerar algum desconforto no grupo, principalmente se o trabalho da fase anterior não tiver ocorrido ou se, por outras razões, for por imposição da instituição.

Nas três experiências aqui descritas a instituição, antecipadamente, indicou a pessoa responsável. Esta indicação nem sempre é dirigida pelo perfil do posto, as vezes, pode ser conduzida por critérios de conveniência da instituição, como por exemplo, alocação de carga horária para professores que tinham horas vagas no seu plano de trabalho (posteriormente avaliou-se que este foi um dos casos). De fato, neste momento, um delicado espaço de negociação tem de ser criado. Uma das

Auto-confiança (ser vanguarda, ser diferente, ser proposto pelo grupo);

Tolerância e capacidade de negociação (conseguir negociar idéias com o grupo, sem imposição de sua vontade);

O nível de escolaridade não é determinante, pois, considerando o caso aqui citado, deverá ser selecionada a partir do conhecimento de todos os membros possuem condições para isso;

Mas a brinquedoteca não é apenas a figura do brinquedotecário; a organização da brinquedoteca e do planejamento das atividades, personagens são necessários para a pessoa responsável pelas finanças. Cunha (1994), discorrendo sobre a importância de uma equipe, pondera que o sucesso de um número de pessoas motivadas é fundamental.

Nas três escolas nas quais foram realizadas a participação de dois a quatro professores (Universidade) e uma a duas pessoas. Percebeu-se que, se as tarefas são bem estabelecidas, o brinquedista (o responsável pelas funções, que iam desde o gerenciamento do atendimento às turmas. O bom trabalho mesmo com poucas pessoas em função da divisão de funções entre os membros da brinquedoteca e a divisão de tarefas.

Preparação do Ambiente (Espaço e do Tempo de Uso)

O planejamento do ambiente é fundamental no conjunto. Quando a instituição não tem um espaço reservado, este deve ser visitado e planejado com a equipe, sendo seu planejamento feito de modo que todos, de modo que devem ser considerados os propostos e o público que será atendido.

Nesta linha de raciocínio, a experiência no programa de formação de brinquedistas

Apesar de ser um aspecto aparentemente óbvio, dar cor e vida ao ambiente, não é necessariamente um ponto pacífico. Em duas das nossas intervenções encontramos resistências de alguns membros da instituição, cujos motivos alegados referiam-se principalmente na manutenção do padrão da escola e de seu aspecto *asséptico*.

Aconselha-se observar as crianças e ouvir suas opiniões sobre o espaço, de modo a saber: o que pode ser acrescentado de brinquedos, que espaços preferem, o que mais gostam de fazer. A consideração desses aspectos e o olhar atento dos membros da equipe ajudarão em possíveis redimensionamentos na organização do espaço.

Outro ponto que concerne à estruturação, relaciona-se à definição dos tipos de atividades a serem desenvolvidas. Assim, tradicionalmente, duas opções apresentam-se: as atividades livres ou dirigidas. Acredita-se que devido às parcerias desenvolvidas serem com escolas, havia uma demanda por reforço de atividades escolares dentro do espaço da brinquedoteca. Atendendo a esta demanda institucional, em uma das nossas parcerias experimentou-se por um mês a realização somente de atividades dirigidas, como por exemplo, brincadeiras que levassem as crianças a contarem até dez ou o reconhecimento de vogais, etc. No entanto, no transcorrer da segunda semana verificamos um declínio na motivação para essas atividades, a despeito do brinquedotecário, estagiários e a professora da turma fazerem o melhor para motivá-los. Apesar das demandas institucionais, deve haver uma ponderação entre atividade livre e atividade dirigida. Discutiremos posteriormente, com mais detalhes, esta questão.

No planejamento da utilização temporal do espaço, deve-se sempre reservar um horário para a formação continuada, avaliação e planejamento do próximo período. A dinâmica de uma brinquedoteca não permite que seu planejamento seja de longo prazo. É claro que algumas datas mais típicas podem ser semestralmente planejadas, no entanto, dificilmente o mesmo pode ser feito com as

sobre os temas do dia-a-dia. A avaliação regular garantirá que todas as tarefas implementadas sejam acompanhadas e discutidas.

O intervalo entre reuniões irá certificar-se das tarefas propostas pelo grupo, do que foi atendido e da disponibilidade de tempo dos membros da equipe.

A Relação com a Comunidade

Deve-se levar em consideração a comunidade em geral onde a brinquedoteca está inserida. Geralmente um dos objetivos da brinquedoteca é um espaço de participação, de interação com a comunidade e os seus cuidadores, a relação com a comunidade em geral não é algo tão secundário quanto se pensa.

A comunidade, em determinados momentos, é responsável pelos destinos da brinquedoteca. Em alguns países se mostram resistentes a colaborar com uma brinquedoteca, pois segundo a opinião popular “ele vai somente brincar!..., quando que na escola está estudando...”. Deste modo a opinião que se tem deste ambiente influencia na motivação para este empreendimento conjunto e consequentemente na presença das crianças. Como comentado anteriormente, a “adultocêntrica” de criança não é algo que somente do meio científico, mas que também o meio acadêmico só refletiu uma forma mais adequada da sociedade.

Quando possível, é fundamental criar canais de divulgação para comunidade (pais, professores e outras instituições). Geralmente as escolas têm resistência na divulgação, principalmente quando não terão horário para atender os visitantes. Porém julga-se necessário fazê-lo, dentro e fora do espaço da brinquedoteca e do tempo disponível, pois essa ação pode abrir possibilidades de divulgação. Assim, existem várias formas de divulgação do espaço da brinquedoteca e do tempo disponível. A divulgação pode envolver atendimento

este fator quando se lida com instituições governamentais, pois estas dificilmente dispõem de recursos para reposição de materiais em uma brinquedoteca. Uma alternativa para garantir a manutenção e financiamento é o oferecimento de oficinas variadas (costura, fabricação de brinquedos e jogos de materiais diversos) e campanhas periódicas, de doações de brinquedos.

Uma Relação de Amor e Ódio: Os Assessores e a Instituição

Um dos grandes problemas do desenvolvimento de parcerias entre os pesquisadores e as instituições onde estes se alojam, refere-se à diferença de enfoque. Tais diferenças podem, apesar da abertura da instituição para um trabalho conjunto, dificultar o próprio processo de comunicação entre as partes. Neste caso específico, em uma das experiências, este problema foi evidente em vários momentos.

Apesar de um tanto paradoxal, antes da exposição, entre as partes, de suas perspectivas teóricas, a menção de um simples preconceito pode dificultar o processo de comunicação. Na experiência acima mencionada percebeu-se, apesar da abertura inicial do corpo diretor da instituição, uma certa resistência do corpo docente em se engajar no processo de criação e manutenção da brinquedoteca.

Como posteriormente pode-se averiguar, um dos motivos alegados para o não engajamento foi o fato de não sermos pedagogos e, muito mais, estarmos vinculados ao Departamento de Psicologia Experimental (reduto, segundo eles, de *behavioristas*). Tal fator dificultou que fôssemos ouvidos ou contribuiu para que tudo que falássemos fosse identificado como skinneriano. Apesar de não nos identificarmos estritamente com tal abordagem teórica, infelizmente tais preconceitos ainda existem e lamentavelmente dificultam o processo de comunicação.

Outra dificuldade, e esta um tanto mais complexa, residiu na compreensão do papel do brincar, do jogo e consequentemente de uma brinquedoteca dentro de um

por brincar educa em algum instrumento pedagógico válido.

Nesta confusão de questões do que reagir rejeitando, pois se lhe deu esta perspectiva, o brincar é algo que não tem espaço de

O problema do brincar na relação acadêmico entre o jogo livre e, por outro lado, o jogo livre significa abstração não é tão mais efetivamente. O brincar não deve ser tratado como um truque pedagógico ou como um truque pedagógico com restrições, orientar e colocar limites.

Para Michelet (1986) mesmo os professores que estão convencidos de que na prática, nem sempre é fácil, visto que vai contra a formação tradicional, podem conciliá-lo com os princípios da pedagogia clássica. Como afirma:

“Os mestres abordam os processos habituais de pensamento ao jogo uma relação direta de uma regra de ortografia, faz-se os erros; se foi dada à uma criança perguntas para ver se os alunos

De outro lado, o pesquisador tem uma bagagem teórica refinada, mas com o lidar com as crianças e deve desconsiderar a experiência (professores).

Deve-se salientar também que a resistência consista em exigir possivelmente alguns não tiveram e que portanto não podem e inspiração necessária para a atuação devem desenvolver junto com os sujeitos foram fruto de uma cultura infantil de rua, educados onde passavam dias inteiros n

os objetivos de cada parceiro que determinam até onde vai a associação.

Os interesses dos pesquisadores tendem a ser mais imediatos do que os institucionais. Na grande maioria dos casos e particularmente o nosso, o pesquisador tem como interesse principal uma questão básica teórica qualquer, que dificilmente interessa pormenorizadamente à instituição. A instituição está geralmente interessada no quanto o pesquisador pode contribuir, com seu conhecimento, para a estruturação de uma brinquedoteca. Por outro lado, o pesquisador fornece este serviço como uma troca, um pagamento, uma retribuição do local a ser cedido para a sua pesquisa básica.

Com já explicitado anteriormente, as intervenções desta equipe sempre tiveram por objetivos investigar: a) meandros da relação criança-criança, b) utilização do espaço e c) brinquedos e brincadeiras preferidos. Tal nível de detalhamento dificilmente fará parte dos interesses da instituição. Neste caso acredita-se que acertadamente sempre se deixou claro em todas as experiências que, findos os objetivos dos projetos de pesquisa e caso outros não tenham se desenvolvido encerrar-se-ia a intervenção na instituição.

Entretanto algumas questões éticas devem direcionar a parceria. Em primeiro lugar o pesquisador deve sempre expor claramente os objetivos de sua presença e do desenvolvimento da parceria, para que mal entendidos não surjam. Por outro lado, tendo o compromisso da assessoria, este de certo modo sobrepõe-se aos possíveis rumos que o projeto básico do pesquisador possa tomar; deste modo, caso o projeto não venha a se constituir ou termine antes da brinquedoteca estar estruturada, o compromisso ético do pesquisador estende a sua permanência na instituição à revelia de seus interesses acadêmicos.

Para facilitar a concretização deste objetivo, acredita-se que seja necessário que a equipe da instituição adquira independência dos assessores. Deve-se sempre procurar promover atividades que progressivamente contribuam para

independência e autonomia da equipe local da brinquedoteca.

Esperamos que estas informações possam ser úteis para os profissionais tanto na criação e manutenção de uma brinquedoteca como no desenvolvimento de projetos em instituições onde suas pesquisas serão de grande importância.

Referências

- Andrade, C. M. R. J. & Altman, R. Z. (1992). As brincadeiras de rua. In A. Friedmann, A. Michelet, C. Afalo, C. M. R. J. Bomtempo, G. Wajskop, I. Lindquist, L. Weiss, N. H. T. P. Lenzi, T. M. Kishimoto, F. Abramovich & C. M. R. J. Bomtempo (Orgs.), *Brincar: A brinquedoteca* (pp.234-260). São Paulo: Scerif.
- Ariés, P. (1981). *História da criança e da família* (D. Flaksman, trad.). Guanabara. (Original publicado em 1978).
- Bomtempo, E. (1987). Aprendizagem e brinquedo. Em L. Lomônaco (Orgs.), *Psicologia da aprendizagem: Áreas de pesquisa*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária.
- Burghardt, G. M. (1998). The evolutionary origins of play. In T. M. Bekoff & J. A. Byers (Orgs.), *Play: Comparative, and ecological perspectives* (pp.1-26). Cambridge: University Press.
- Caiuby, S. (1989). *Habitação indígena*. São Paulo: Nobel.
- Camaioni, L. (1980). *L' interazione tra bambini*. Roma: Bulzoni.
- Carvalho, A. M. A. & Beraldo, K. E. A. (1989). Inter-relações e ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. *Pesquisa*, 71, 55-61.
- Cunha, N. H. S. (1994). *Brinquedoteca: Um mergulho no brincar*. São Paulo: Scerif.
- Friedmann, A., Michelet, A., Afalo, C., Andrade, C., Bomtempo, E., Wajskop, G., Lindquist, L., Weiss, L., Z. R., Lenzi, T. P., Kishimoto, T. M., Abramovich, F. & Bomtempo, C. M. R. J. (1992). *O direito de brincar: A brinquedoteca*. São Paulo: Scerif.
- Kishimoto, T. M. (1993). *Jogos tradicionais infantis*. São Paulo: Scerif.
- Magalhães, C. M. C., Pontes, F. A. R., Lopes, K. S. M. & Bomtempo, E. (1998). Brincando e aprendendo: Um treinamento para professores. [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *comunicação científica, XXVIII Reunião Anual de Psicologia*. São Paulo: SBP.
- Michelet, A. (1986). El maestro y el juego. *Perspectivas de la psicología del niño*, 15, 1-10.
- Santos, M. P. (1997). *Brinquedoteca: O lúdico em diferentes culturas*. São Paulo: Vozes.
- Smith, P. K., Cowie, H. & Blades, M. (1998). *Play and development*. Oxford: England.
- Smith, P. K. (1982). Does playmatter? Functional and developmental aspects of animal and human play. *Behavioral and brain sciences*, 5, 1-10.